

SARIAH WILSON

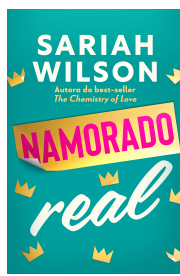
Autora do best-seller
The Chemistry of Love

NAMORADO

real

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



SARIAH
WILSON

NAMORADO
real

Trasparenza
ESTRATEGIA 2014

2014

Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Nota da autora

Agradecimentos

Sobre a autora

Créditos

Pontos de referência

Cover

Title Page

*Para Maria, Alison e Sarah:
obrigada por tornarem isto possível*

Um

De frente para o espelho de corpo inteiro, estávamos eu e Anne, minha relações públicas. Nós examinávamos nossos reflexos.

— Já disse que isso não vai funcionar — ela afirmou. — Ninguém vai acreditar que sou sua alteza real, a princesa Ilaria de Monterra.

Anne tinha razão. Olhando bem de perto, era possível perceber imediatamente a diferença. Mas as pessoas costumavam ver aquilo que esperavam ver.

— Vai, sim — tentei tranquilizá-la. Um dos motivos pelos quais ela fora contratada foi nossa semelhança física: temos cabelos escuros, a mesma altura. Muitas vezes, trocávamos de lugar para despistar os paparazzi. Anne entrava pela porta da frente, enquanto eu saía sem ser vista. Mas era sempre por um breve período.

Eu nunca tinha pedido a ela todo esse tempo: dois dias inteiros só para mim.

Alguns minutos antes, eu estava na varanda da minha suíte no hotel ao lado da Trinità dei Monti, a catedral no topo da escadaria da Piazza di Spagna, em Roma. Estava observando o pôr do sol quando notei um homem montando uma câmera no topo da escadaria.

Algo nele chamou minha atenção: a maneira como, no pôr do sol, seu cabelo parecia quase ruivo. Ele tinha ombros largos e parecia alto, mas não consegui perceber nada além disso. Me perguntei se era bonito.

O dia seguinte seria o Dia dos Namorados, e eu não tinha ninguém com quem passá-lo. Fiquei imaginando como seria poder ir até lá e perguntar àquele homem o que ele estava

fotografando. Como seria conversar com alguém que não sabia meu nome, não conhecia minha família ou meu passado superexagerado. Como seria agir como qualquer turista por ali, contemplando a paisagem.

Fui dominada por uma necessidade desesperada de fuga. Só por alguns dias.

Foi assim que esquematizei esse plano e pedi a Anne que trocasse de lugar comigo por um fim de semana.

— A gente tinha que voltar hoje à noite. E, na segunda-feira, você tem aquele baile de gala no palácio real de Monterra — lembrou.

Era o baile para a instituição de caridade favorita da família real monterrana: a Fundação Fiorelli Pró-cura. Eu havia feito faculdade de história da arte, mas não havia necessidade de um historiador da arte na fundação. Por causa da atenção constante que eu recebia dos paparazzi, foi decidido que o melhor seria eu trabalhar com arrecadação de fundos.

Eu tinha acabado de realizar outra festa entediante e pomposa em Roma, onde tive que sorrir e acenar e torcer para que minha mera presença ajudasse a arrecadar dinheiro suficiente para cumprir nossas metas anuais.

— Eu sei. Eu estarei lá. Só peço por dois dias que ninguém fique me vigiando ou tirando fotos minhas. Você entra no carro, volta para Monterra e fica no meu apartamento.

— Seu guarda-costas vai notar quando você não estiver no carro.

Varri o ar com a mão, descartando aquela possibilidade.

— Você sabe tão bem quanto eu que o Luigi precisa urgentemente de óculos, mas se recusa a usar. Contanto que você fique calada, ele não vai perceber.

O sotaque dela a entregaria na hora.

Ela parecia estar se convencendo.

— Por favor, Anne. Prometo voltar antes do baile. Ninguém vai saber.

— E se a Lemon descobrir? — Lemon era a mulher do meu

primeiro, o príncipe Dante. Ela cuidava de toda a parte de relações públicas da família real e costumava contratar estagiários norte-americanos, como a Anne.

— Vou dizer que tudo foi ideia minha. Você não vai perder o emprego. Prometo. Por favor.

Ela deixou escapar um longo suspiro e disse:

— Tudo bem. A gente troca de lugar. Mas acho que o Luigi vai perceber assim que eu saí da suíte.

Extasiada por ela finalmente concordar, liguei para a recepção e disse que prolongaria minha estadia por mais dois dias, e depois passamos uma hora fazendo as malas e trocando de roupa. Dei meu celular a Anne e prometi a ela que compraria um temporário. A equipe de segurança rastreava meu celular e saberia se ele ainda estivesse em Roma enquanto eu deveria estar em Monterra. Arrumei o cabelo dela e fiz a maquiagem para que ficasse parecida comigo. Trocamos passaportes e bolsas.

Luigi bateu na porta.

— Está na hora de ir.

— Estou indo, mas Anne vai ficar e passear por alguns dias — respondi. Então me virei e sussurrei para ela: — Pronto! Use os óculos escuros e ande com confiança.

— Como se eu fosse uma princesa... — murmurou. — É o que ganho por passar a infância desejando ser uma princesa quando crescesse.

Ela pôs os óculos escuros Chanel que cobriam metade do rosto e deu um longo suspiro.

— Vou ficar te devendo — eu disse.

— Divirta-se. E volte para casa em segurança. Por favor, não cause um incidente internacional, porque minha chefe com certeza vai me matar.

Nos despedimos com um abraço e observei enquanto ela caminhava até a sala. Meu coração bateu forte e esperei que o Luigi dissesse alguma coisa, mas então ouvi a porta da frente se fechar.

Livre! Eu estava livre! Uma euforia inebriante cresceu dentro

de mim. Fazia anos que não ficava sozinha assim.

Fui até a varanda e esperei até que Luigi e Anne saíssem do hotel. Os paparazzi estavam esperando, gritando meu nome, mas Anne manteve a cabeça baixa e rapidamente entrou no suv preto que estava esperando.

O carro partiu e os paparazzi se dispersaram.

Voltei para a suíte. Eu não estava acostumada com o silêncio, com a sensação de estar completamente sozinha.

Minha cabeça começou a doer, e imaginei que fosse por causa do estresse do que tinha acabado de fazer. Vasculhei a bolsa de Anne e encontrei um frasco de aspirina de quinhentos miligramas. Tomei dois comprimidos e decidi começar minha aventura.

Para começar, queria falar com o fotógrafo possivelmente gato.

Enquanto caminhava pelo hotel, ninguém prestou atenção em mim, exatamente o oposto do que aconteceu quando cheguei. Encolhi os ombros, abaixando a cabeça. Era apenas uma turista norte-americana, não uma princesa de Monterra. Eu queria dar risada, porque funcionou mesmo.

Saí do hotel, ainda de cabeça baixa. Como de costume. Mas ninguém queria minha foto; ninguém me reconheceu. Levantei o queixo, mas fui afetada por uma sensação estranha.

Uma onda de sonolência me atingiu, mais forte do que jamais havia sentido.

Tentei balançar a cabeça, para afastar a sensação, mas só piorou.

Cheguei à escadaria da Piazza di Spagna e não vi o fotógrafo. Bocejei, desapontada.

Mas tudo bem. Roma estava cheia de possibilidades. Talvez eu conhecesse alguém e não passasse o Dia dos Namorados sozinha.

O sol havia se posto quase completamente. Desci alguns degraus e desabei. A prefeitura proibia as pessoas de se sentarem ou dormirem nas escadas, mas eu estava muito exausta. Era

como se a enormidade do que acabei de fazer estivesse me afetando e deixando até meus ossos cansados. Meus pais ficariam furiosos comigo por me pôr em uma situação possivelmente perigosa. Eles sempre tiveram muita certeza de que eu seria sequestrada.

Bocejei de novo, com a dor de cabeça ainda pior, pulsando em todos os cantos do meu cérebro. Talvez eu devesse voltar para o hotel, dormir um pouco e começar minha aventura na manhã seguinte.

Foi o último pensamento que tive antes de desmaiar.

Dois

Acordei em completo pânico. Estava deitada em um sofá e não fazia ideia de onde estava ou do que tinha acontecido comigo.

Fui sequestrada! Me alertaram sobre isso por tantos anos e agora tinha acontecido, porque fui imprudente. Minha mãe nunca me deixaria esquecer disso.

— *Buongiorno!*

Havia um homem na cozinha, e então me sentei. Ele era alto, com mais de um metro e oitenta. Tinha o cabelo castanho-claro e a barba por fazer, um pouco mais escura, cobrindo o queixo. Era grande, musculoso e muito atraente. Também tinha um sotaque estranho.

Ele continuou, em italiano:

— Fiz um expresso para você e tem pãozinhos, se quiser.

Sequestradores costumavam ser gentis assim? Eu não sabia muito bem como responder.

O homem, então, falou inglês.

— Desculpa, você é americana, não é? É que estou bem acostumado a falar italiano agora.

A primeira coisa que notei foi o sotaque dele. Aquela pronúncia escocesa era inconfundível. Por isso o italiano dele era um pouco estranho.

A segunda coisa que passou pela minha cabeça foi a afirmação dele de que eu era americana. Olhei para as roupas que eu vestia, as roupas de Anne. Sempre tive um bom ouvido para sotaques e idiomas — foi um dos motivos pelos quais tentei ser atriz aos dezoito anos.

— Sou americana — repeti.

Isso era um bom sinal. Se ele pensava que eu era americana,

com certeza não sabia quem eu era e eu não tinha sido sequestrada com o intuito de chantagear a corte real de Monterra.

Mas meu alívio foi rapidamente alterado por uma possibilidade ainda pior. Se não tinha me sequestrado para pedir resgate, por que me levou para o apartamento dele? Certamente, era para propósitos nefastos.

Uma mulher muito bonita entrou na cozinha e sorriu para mim. Tinha uma feição delicada e tipicamente italiana, com cabelos pretos e curvas perfeitas. Ela deu um beijo de bom dia no rosto do homem e pegou a caneca que ele ofereceu a ela.

O alívio voltou. Ele não iria me trancar em um porão. Ele tinha namorada. Mas essa constatação foi estranhamente decepcionante também. Algo naquele homem parecia familiar, e me senti atraída por ele. Talvez fosse por causa do pico de adrenalina que experimentei com toda aquela situação, mas eu tinha que admitir que, se eu o conhecesse em um bar, teria flertado com ele.

Ele tinha um charme de tirar o fôlego.

— Já descobriu alguma coisa? — perguntou a mulher em italiano, e decidi fingir que não podia entender. Desviei o olhar, como se não estivesse prestando muita atenção à conversa.

— Não — respondeu. — Ela acabou de acordar. Achei melhor dar algo para ela comer primeiro.

— Alguém vai procurar por ela. Nunca é bom quando estudantes americanos ficam desaparecidos.

Por que eles achavam que eu era estudante? Eu tinha vinte e cinco anos, e fazia anos que eu tinha me formado na faculdade.

Tinha uma bolsa na mesinha de centro à minha frente.

Era a bolsa da Anne.

Eles deviam ter vasculhado e pensado que eu era Anne, que era jovem o bastante para ainda ser estudante.

— Onde estou? — perguntei.

O homem falou em inglês.

— No nosso apartamento. Encontrei você desmaiada na

escadaria da Piazza di Spagna e, como não consegui te acordar, trouxe você para cá. Eu não sabia mais o que fazer — ele disse com um jeito tímido, como se estivesse envergonhado.

Desmaiada? O quê?

Então pensei que aquele homem muito charmoso tinha me carregado pelas ruas de Roma, e isso causou um arrepio estranho dentro de mim.

Ele pegou o café e o deixou na mesa à minha frente, recuando um pouco depois, como se tomasse cuidado para não ficar perto demais ou me assustar.

Achei encantador.

Mas fiquei um pouco incomodada pelo fato de aquele estranho ter me encontrado, me levado ao apartamento que dividia com a namorada e eu não me lembrar de nada disso.

E confesso que fiquei um pouco decepcionada por não conseguir me lembrar da sensação de ser segurada por ele.

— Você bebeu? — a mulher perguntou, também passando a falar inglês.

— Não. Eu não bebi nada ontem — respondi, tomando cuidado com meu sotaque. Estava gostando da ideia de não ser Ilaria. — Na verdade, só tomei aspirina porque estava com dor de cabeça...

Fui ficando sem palavras quando peguei a bolsa de Anne. Abri o frasco de aspirina e despejei o conteúdo na minha mão.

Aquilo não era aspirina. Eu estava tão empolgada por estar sozinha que nem percebi.

Olhei para o relógio na parede. Eu não podia acreditar que, sem querer, tinha tomado remédio para dormir e perdido dez preciosas horas de liberdade em Roma.

A mulher se aproximou e olhou para minha mão aberta.

— Zolpidem. Acho que você conhece como Ambien. Quantos você tomou?

— Dois.

Ela me lançou um severo olhar de repreensão.

— A dose mais alta recomendada é de dez miligramas ou um

comprimido.

Não foi à toa que desmaiei.

— Lucia é farmacêutica — o homem falou em um tom de aprovação, como se tivesse orgulho dela.

Senti uma pontada no coração. Queria ter alguém que sentisse orgulho de mim. Meu último relacionamento terminou de maneira desastrosa, estampado nas manchetes de todos os tabloides do mundo.

Lucia voltou a falar em italiano.

— Ela não deveria ficar sozinha hoje.

— Tem alguém para quem você possa ligar? — perguntou em inglês. — Você está com amigos?

— Não, estou viajando sozinha.

Antes eu não estava, mas agora tecnicamente era verdade. E não ia ligar para ninguém e dizer onde me encontrava.

— Essa dose pode causar alguns efeitos colaterais. Sonolência extrema, falta de ar, confusão ou perda de consciência. Você vai ter que tomar conta dela — Lucia falou em italiano. — Tenho que trabalhar hoje.

Quase achei que ele fosse protestar, mas ele apenas balançou a cabeça confirmando.

Tudo foi muito inusitado. Lucia se retirou, provavelmente para se arrumar para o trabalho, e me levantei.

— É melhor eu ir. Para o meu hotel. Obrigada por não me deixar na escadaria.

Se apenas um daqueles paparazzi tivesse passado por mim, teria envergonhado toda a minha família. As manchetes diriam que eu tinha algum tipo de problema com álcool ou drogas ou alguma outra coisa horrível do tipo.

Sem falar no que algum perverso qualquer poderia ter feito comigo, dado o estado em que eu estava. Esse pensamento me deu calafrios.

— De nada — respondeu. — Posso te levar de volta?

Achei que não havia problema nisso. Embora fosse um pouco angustiante, porque ele era um charme, mas estava

indisponível. Tentei imaginar como Anne responderia.

— Claro.

Peguei a bolsa e vesti a jaqueta de Anne. Fiquei me perguntando qual dos dois tinha tirado meu agasalho e me coberto com uma manta no sofá.

Suspeitei que tivesse sido ele.

Ele também pegou uma jaqueta e pendurou uma bolsa no ombro. Deu tchau a Lucia, que disse que a veria mais tarde. Descemos vários lances de escada em silêncio. Quando saímos do prédio, comentei:

— Nem sei o seu nome.

— Desculpe. Callum Stewart. É um prazer conhecê-la.

O homem me ofereceu a mão e, após uma pausa hesitante, a segurei.

A intenção dele era que apertássemos as mãos, mas eu só conseguia pensar no meu sangue correndo rápido pelas veias apenas com o toque daquela mão quente e firme.

Eu nunca tinha sentido essa atração imediata por alguém. Afastei minha mão, me perguntando se ele tinha notado minha tremedeira.

Fui criada para ter postura de realeza, mas estava ali, tremendo.

Que ridículo!

— E você é Anne Smith? — perguntou.

Confirmei.

— Sou.

Uma parte de mim temia que ele ou Lucia tivessem me reconhecido. Minha existência era peculiar: qualquer pessoa que lesse sites de entretenimento ou tabloides sabia exatamente quem eu era, mas para todos os outros era apenas uma pessoa normal. Ele estava me chamando de Anne, então achei que não tivesse problema.

— Está de férias? — perguntou, enquanto caminhávamos.

Foi uma experiência surreal caminhar pela calçada da Cidade Eterna com um homem lindo e não ter que me preocupar com a

possibilidade de alguém sair pulando dos arbustos e tentar tirar uma foto minha. Relaxei e sorri, sentindo que podia finalmente respirar fundo e aproveitar o tempo que me restava nas minhas miniférias. Foi tão libertador!

— Estou. Pelos próximos dois dias, e depois tenho que voltar pra casa.

— Acho que desmaiar por acidente em um monumento nacional não fazia parte dos seus planos de viagem — ele brincou, e contive meu estômago, que tremeu com o que ele disse.

Ele era tão agradável e charmoso... e aquele sorriso? Fazia o mundo parecer mais reluzente.

— Não exatamente. Mas quero ver todos os pontos turísticos.

— Espero que você consiga ficar acordada — ele disse, e sorri. — Posso ser seu guia turístico enquanto você estiver aqui.

— Ah! — A oferta era bastante tentadora, e tudo que eu queria era aceitar. — Você não precisa tomar conta de mim.

— Não era minha intenção — avisou. — Amo esta cidade e adoraria partilhá-la com uma linda mulher.

Fiquei zozza e não tinha certeza se era por causa das palavras dele ou da medicação. Eu sabia que deveria me distanciar um pouco daquele homem encantador.

— Sua namorada não se importaria se você passasse o Dia dos Namorados comigo?

— Namorada? — Callum franziu a testa, como se não entendesse o que quis dizer.

— Lucia?

Ele abriu um sorriso e disse:

— Lucia não é minha namorada. Nós dividimos o apartamento, e ela é minha amiga. Eu não faço o tipo dela.

Achei difícil imaginar Callum Stewart não fazendo o tipo de alguém. Não apenas pelo charme dele, mas também porque parecia gentil e agradável.

— Não faz o tipo dela?

— Ela não gosta de homens.

Ah! Definitivamente não era namorada dele, então. Isso queria dizer que...

— Estou solteiro — anunciou, como se estivesse lendo minha mente.

Me peguei sorrindo e imediatamente tentei deixar meus lábios em uma linha reta.

Mas o brilho em seus olhos me deu a entender que ele tinha visto minha reação.

— Eu também — não pude deixar de dizer, e ele fez um sinal com a cabeça como se isso o deixasse contente. Me senti atravessada por uma onda de compreensão e atração, um pouco como se tivesse engolido um fósforo aceso.

Fazia bastante tempo que eu não me sentia assim.

Estávamos passando pelo quarteirão onde ficava a Fontana di Trevi quando me dei conta de que não poderia deixá-lo me acompanhar de volta ao hotel. Os quartos mais baratos de lá custavam cinco dígitos por noite. Ele perceberia logo que eu não era uma pobre universitária norte-americana. Se descobrisse que eu era sua alteza real, a princesa Ilaria de Monterra, seus sentimentos mudariam, e tudo estaria arruinado.

Minha experiência nessa área era vasta, por isso não podia esperar qualquer outro desfecho.

Parei de repente. Alguém me xingou em italiano quando quase bateu em mim, e me aproximei do prédio mais próximo para sair do caminho.

— Você está bem? — Callum perguntou, parecendo preocupado.

— Estou. Acabei de perceber que estamos perto da Fontana di Trevi e queria vê-la. Você não precisa vir comigo — acrescentei logo em seguida. — Não quero que você se sinta obrigado.

Eu não queria que ele ficasse comigo porque Lucia havia pedido. Eu não estava sentindo nenhum tipo de efeito colateral. Estava, sim, um pouco sem fôlego e levemente zonza, mas

suspeitava que isso fosse por causa de Callum, e não do medicamento tomado na noite passada. Eu ficaria bem sozinha. Preferiria ter a lembrança do nosso estranho encontro do que ver a expressão em seu rosto quando percebesse quem eu era e como ser visto comigo destruiria a sua vida.

Ele estava sério quando disse:

— Sei que não sou obrigado. Mas eu gostaria de passar o dia com você, se você desejar.

Três

Se eu o desejava? Dava para sentir meu rosto ficando vermelho enquanto pensava em todas as maneiras como eu desejava aquele homem incrivelmente sexy.

— Sim, por favor. Quer dizer... — Estava ávida demais. — Pode ser. Vamos lá. — Com toda aquela agitação, era difícil manter meu sotaque falso e as gírias americanas.

Callum abriu outro sorriso incrível, e meu coração acelerou. Isso tinha potencial para ser desastroso, mas eu queria aquele momento com ele. Não iria deixar que nada causasse um fim prematuro ao nosso dia.

Essa seria minha versão de um conto de fadas. Outras mulheres sonhavam em ser princesas, mas tudo que eu queria era isso: ser uma mulher normal, visitando uma cidade linda com um homem bonito.

— Bom... — ele disse, sorrindo. — A fonte é por aqui.

Caminhamos juntos, e ele parecia irradiar calor. Me peguei querendo me apoiar nele e absorver tudo, principalmente devido ao frio de fevereiro.

— Você ainda está na faculdade? — perguntou.

— Não, me formei há um tempo — respondi, esquecendo o fato de que eu deveria ser a Anne. Eu esperava que ele não tivesse prestado muita atenção na idade dela.

Mas ele não pareceu notar meu deslize.

— O que você estudou?

— História da arte.

Callum assentiu.

— Então você deve adorar Roma.

— De uma forma que dá para explicar — retorqui. — A

cidade inteira, em qualquer canto, parece um museu ao ar livre, repleto de história, arquitetura e arte.

— Foi por isso que me mudei para cá há oito meses — ele disse.

— Você fez história da arte também?

— Não. Sou fotógrafo.

Ele apontou para a bolsa que havia pendurado no ombro.

As peças começaram a se encaixar.

— Você estava tirando fotos na Escadaria ontem à noite?

— *Aye*, foi assim que encontrei você.

Meu sangue palpitava forte na garganta. Ele era o homem que eu tinha visto, aquele que me inspirou a me libertar e, por fim, experimentar a vida normal. Parecia o destino, que estávamos fadados a nos encontrar, mesmo que tivesse acontecido de uma maneira muito estranha.

— Vi você — admiti. — Eu queria te conhecer.

— As mulheres não costumam desmaiar na minha frente para chamar minha atenção — ele disse, e eu ri.

— E o que elas fazem geralmente? — perguntei.

— Me levam à Fontana di Trevi — ele disse dando uma piscada. Viramos uma esquina, e eu suspirei, uma reação que acontecia toda vez que eu via a fonte pessoalmente. Era tão magnífica que quase parecia antinatural. Descomunal, linda, exuberante, um luxo.

Havia poucas coisas assim no mundo.

E havia tantas pessoas na frente da fonte que eu estava me sentindo um pouco claustrofóbica.

Callum pegou a câmera e começou a tirar fotos. Eu o observei, apreciando o modo como ele se concentrava com tanta intensidade.

Como se percebesse o que eu estava fazendo, ele virou a lente para mim.

Cobri meu rosto. Estava muito cansada de ser vista essencialmente através das lentes de uma câmera, oferecida como uma mercadoria a ser consumida pelo público. Sem falar

que, para ser fotografada, eu queria pelo menos estar produzida. Eu estava sem maquiagem. Não tinha escovado os dentes nem tomado banho. Com certeza, meu cabelo estava todo arrepiado. — Não. Estou horrorosa.

— Você está linda — ele disse abaixando a câmera.

Callum não estava tentando se aproveitar de mim ou vender minha imagem para quem pagasse mais. Ele estava usando a câmera para enaltecer aquele momento.

Para me enaltecer.

Esqueci que estávamos em uma praça com centenas de pessoas e tive uma vontade irresistível de beijá-lo.

Pela maneira como seu olhar captou meus lábios, me perguntei se ele sentia o mesmo.

Alguém esbarrou em mim, e eu caí em cima de Callum. Seus braços imediatamente me envolveram, para me proteger e para me ajudar a ficar de pé. Deixei minhas mãos apoiadas em seus bíceps, e alguma parte do meu cérebro se deu conta do quanto eram grandes. Me senti segura nos braços dele. Estava praticamente sem fôlego quando levantei o rosto para encarar o dele.

A intensidade em seus olhos, o desejo ardente que vi ali, me fez ficar sem ar.

Para minha surpresa, ele me soltou e deu um passo para trás.

— Então, dona historiadora de arte, me fale sobre a fonte.

Era imaginação minha ou a voz dele parecia tensa? Como se ele estivesse se contendo? Respirei fundo, precisando desesperadamente de oxigênio.

— Foi projetada por Nicola Salvi depois que seus esboços foram escolhidos pelo Papa Clemente XII. É uma combinação dos estilos barroco e clássico.

Regurgitar fatos estava ajudando a desanuviar minha mente para que eu não pensasse em seu toque caloroso e forte. Em como eu queria que ele me beijasse.

— A fonte é feita do mesmo tipo de pedra travertino usada no Coliseu.

Depois expliquei cada uma das estátuas, as alegorias da água pura e a mitologia representada, o brasão papal representado no Palazzo Poli atrás da fonte, como a água vinha de um aqueduto criado pelos romanos dois mil anos antes.

Callum ouviu atentamente cada palavra minha, mas parecia já saber tudo que eu estava explicando.

— Ah, não. Estou explicando o óbvio pra você? — perguntei.
Ele sorriu.

— Eu sei, sim, bastante sobre a fonte, mas gosto de como você explica. Desconfio que ficaria feliz ouvindo você falar o dia todo.

— Eu também — confessei.

— Quanto conhecimento! Você deve ser a diversão das festas — Callum falou.

— Ei! — protestei, dando uma risada depois. — As pessoas gostam de saber sobre a história das coisas.

— Só às vezes — rebateu, mas era óbvio que estava me provocando.

— Você gosta.

— Aye, você tem razão. Eu gosto.

Eu estava gostando também. Com Callum, não parecia que eu estava em um jogo. Não tinha que pensar em como nossa paquera iria aparecer na imprensa, nem me questionar sobre as intenções dele. Não tivemos que nos esquivar de alguma política ou protocolo real ou das regras do meu assessor. Ele estava interessado em mim, e eu estava interessada nele, queríamos passar o dia juntos em Roma, nos conhecendo, aproveitando nosso inusitado, mas fortuito encontro.

Nada de estratégias.

Mas você está mentindo para ele sobre quem você é, disse uma voz interna rabugenta.

É uma mentira necessária, lembrei a mim mesma.

— Vamos fazer um pedido — ele disse, ao passarmos pelas pessoas e conseguirmos encontrar um lugar bem próximo à base da fonte, após algumas pessoas saírem. Callum enfiou a mão no

bolso e me entregou um euro. — Você tem que jogar por cima do ombro esquerdo, com a mão direita, para que seu desejo se realize.

Fiquei de costas para a fonte e fechei os olhos. Eu queria que todos os dias pudessem ser assim. Livres da fiscalização e da opinião pública. Cheios de possibilidades.

Cheios até talvez de romance.

— O que acontece se eu não fizer um desejo? — perguntei a ele.

— Então vou te deixar aqui, e você será forçada a passar o resto dos seus dias contando aos turistas desinteressados sobre as diversas características da fonte — Callum respondeu, dando uma piscada.

— Eles vão gostar, e eu também — insisti. — Não é bem um castigo.

— Vou inventar alguma coisa — declarou. — Deveria haver uma punição para quem não se deixa levar e influenciar pela beleza de Roma.

Balancei afirmativamente a cabeça.

— Estou muito influenciada pela beleza de Roma.

Mais pela beleza dele.

Seus olhos brilharam.

— Aye, eu também.

Percebi um movimento à minha direita e tive que desviar o olhar. Encontrei o olhar de uma mulher de meia-idade. Vi o momento em que ela me reconheceu. Meu coração começou a bater forte no peito quando ela ergueu o celular. Virei a cabeça.

— É melhor a gente ir.

— Já? Passamos por todas essas pessoas agora e acabamos de conseguir um lugar bom.

Agora eu estava completamente de costas para a mulher.

— Sim, por favor.

— Já entendi. Você só quer me contar a história completa de outro monumento.

Meus batimentos aceleraram. Tínhamos que sair dali. Bem

naquela hora. Ele finalmente pareceu notar meu forte ímpeto de ir embora.

— Você não comeu hoje de manhã. Está com fome? — perguntou, e meu estômago roncou alto o suficiente para que ele pudesse ouvir.

Callum riu. Senti minhas bochechas ardendo em reação.

— Acho que isso é um sim. Sei de uma ótima padaria a alguns quarteirões daqui.

Assenti e passamos pelas pessoas, na direção que ele havia apontado. Não ouvi gritos, e ninguém estava tentando me alcançar. Talvez a mulher não soubesse quem eu era e eu tivesse surtado por nada. Para não pensar mais naquilo, perguntei:

— Há quanto tempo você é fotógrafo?

Uma expressão estranha percorreu o rosto dele e desapareceu com tanta rapidez que não consegui ver o que era.

— Só estou tentando desde que me mudei para Roma. Mas fiz faculdade de fotografia.

— O que você fazia antes?

Outra careta.

— Eu trabalhava na empresa da minha família.

— Suponho que não estejam felizes por você ter mudado de carreira.

— Resumindo muito, sim — ele respondeu. — E você?

— Eu trabalho em uma organização sem fins lucrativos. É uma espécie de empresa de família também. Eles estão felizes por eu estar de volta ao grupo. Quando fiz dezoito anos, cometi o terrível erro de me mudar para a Califórnia e tentar trabalhar como atriz.

Eu ainda me lembrava do que meu pai havia dito, de como tinha ficado zangado e decepcionado.

— *Atrizes se tornam princesas. Princesas não se tornam atrizes.*

— E não aconteceu o que você esperava?

— Nem de longe.

Conheci um ator famoso de Hollywood que tinha mais de quarenta anos, e começamos a sair. Pensando bem, eu suspeitava

que algo em mim queria deixar meus pais irritados. Mas, no fim, fui apelidada de “princesa descontrolada” que namorava um homem com idade para ser meu pai. Houve muitas fotos minhas embaraçosas, em que estava bêbada, em alguma festa ou estreia de filme.

Eu estava totalmente fora de controle.

Meu guarda-costas foi transferido, e eu ainda me sentia culpada por isso, mesmo depois de tantos anos, e Luigi foi encarregado de me levar de volta para casa. Monterra tinha uma lei contra os paparazzi, e ter uma vida tranquila novamente me fez perceber que eu não queria de fato me tornar atriz ou ter minha vida submetida a uma constante vigilância.

Fui para a faculdade e tentei fugir da reputação do passado. Mas os tabloides não estavam dispostos a me deixar em paz. Eles continuaram a me seguir e a registrar todos os meus passos.

Só namorei homens que evitavam os holofotes. Meu último namorado sério foi um professor francês, mas, quando a imprensa soube do nosso relacionamento, começou o inferno. Por causa da exposição constante, ele perdeu o emprego e terminou comigo.

Eu tinha medo de me apaixonar de novo, porque não deixaria meu coração ser magoado por homens que não conseguiam lidar com minha reputação.

— Você conseguiu algum trabalho nos Estados Unidos? — ele perguntou.

Contei sobre os dois papéis que tive, com detalhes muito vagos para que ele não pudesse me procurar na internet. Também não contei que achava que só tinha conseguido esses papéis por causa do nome da minha família.

Entramos em uma pequena padaria, e a mulher atrás do balcão cumprimentou Callum pelo nome. Ela me olhou sem prestar atenção. Eu era apenas mais uma cliente. Callum pediu duas garrafas de água e *cornettos* com chocolate, o que fez meu estômago roncar mais uma vez.

Olhei na bolsa de Anne, com a intenção de pagar o meu, mas

logo percebi que ela não tinha dinheiro. Havia alguns cartões de crédito, mas eu não podia usá-los. Não seria certo.

Eu não tinha nenhum dinheiro comigo. Na noite passada, pretendia apenas dar uma caminhada rápida, tomar um pouco de ar fresco e, depois, voltar para o hotel. Obviamente, não esperava me dopar acidentalmente, então não consegui pegar o dinheiro no cofre da minha suíte. E não podia levar Callum ao hotel sem revelar quem eu realmente era.

Eu queria continuar com a trama. Como não havíamos encontrado nenhuma frota de suvs pretos cheios de guarda-costas da realeza com a intenção de me levar de volta para casa, parecia que eu ainda estava segura. Eu só precisava que Anne ficasse dentro do meu apartamento pelo resto do fim de semana e tudo ficaria bem.

Logo, a padaria estava cheia de turistas, e isso me deixou desconfortável. Senti como se eu estivesse exposta.

— Vou esperar lá na frente — avisei a ele.

Callum assentiu, e saí, respirando fundo. Uma garotinha, de dez ou onze anos, provavelmente, também esperava em frente à padaria. Ela estava segurando a coleira de um cachorro muito grande. Eu sorri para ela.

Ela sorriu de volta.

— Você é muito bonita — ela disse em italiano.

— Obrigada. Você também. Esse cachorro é seu? — perguntei.

— É. Você pode fazer carinho nele.

Me agachei e acariciei o cachorro entre as orelhas, e ele ficou com a língua pendurada.

— Você é uma princesa — a menina falou. — Já vi sua foto.

Nunca me sentia mal quando uma criança me reconhecia. Na verdade, o entusiasmo delas me deixava feliz.

— Sou.

Ela, então, sorriu para mim.

— Eu sempre quis conhecer uma princesa.

Ofereci minha mão, e ela apertou.

— É um prazer te conhecer.

Essa era a parte da realza que eu mais amava. Talvez eu precisasse de uma pequena pausa de vez em quando, mas e a alegria e o encanto no rosto dela? Sabendo que era por minha causa?

Eu não trocaria isso por nada.

A mãe da menina saiu da padaria e a pegou pela mão. Nos despedimos com um aceno, e a ouvi contando com entusiasmo à mãe que tinha acabado de conhecer uma princesa da vida real.

Foi essa a minha deixa para sair.

Felizmente, Callum chegou e me entregou a comida.

— Obrigada. Adoro *cornettos* — confessei, enquanto ele me entregava o croissant quente recheado com chocolate derretido.

— Eu também — Callum disse, com um sorriso. Em seguida, deu uma grande mordida e soltou um suspiro que me fez me revirar de desejo. Eu queria ser a causa daquele som.

Para pensar em outra coisa, comi meu *cornetto*, tentando não devorá-lo como um lobo faminto.

— Tem um pouco de chocolate na sua boca — ele disse, depois que terminei.

— Tem?

Levantei a mão, tentando limpar, sem sucesso.

— Posso?

Balancei a cabeça positivamente, prendendo a respiração quando ele estendeu o polegar para limpar o chocolate. Senti um choque quando ele fez contato com meus lábios e tentei ficar parada.

Callum me fez sentir como uma adolescente namorando pela primeira vez. Como se tudo fosse novo e emocionante.

Seus olhos castanho-escuros ardiam de intensidade e parecia que tudo que ele queria fazer era usar a boca em vez do polegar.

— Pronto. — Sua voz era suave e profunda e fez meu estômago se contorcer. Seu pomo de Adão subiu e desceu, sua garganta se contraiu. — Consegui.

— Tá — foi tudo que consegui dizer. Achei que era melhor

do que “Não para” ou “Quando você vai me beijar?”.

Ele pigarreou.

— Você quer me contar a história daquela lata de lixo ali? A empresa que fabricou? Qual o ano em que foi instalada?

Contraí os lábios para não rir.

— Você não é tão engraçado quanto pensa que é.

— Você que se engana. Talvez seja um efeito colateral adicional: você não consegue apreciar muito bem o humor de primeira qualidade por causa da sua sonolência excessiva.

— Se estou com sono, talvez seja porque meu guia turístico está me deixando entediada, com vontade de dormir.

— Não, isso é impossível. Sou muito charmoso e divertido. É o medicamento.

Então eu ri.

Ele me ofereceu o braço.

— É melhor você se apoiar em mim por segurança. Caso você adormeça de repente e eu precise te segurar...

Estava ansiosa para tocá-lo, passar meu braço pelo dele, apoiar meu ombro em seu braço.

— Se você insiste...

— Insisto. Para onde vamos?

Para qualquer lugar, desde que eu esteja com você, eu queria dizer.

Em vez disso, decidi falar:

— Você é o especialista. Estou em suas mãos.

Outro sorriso.

— Você não sabe o que está aceitando.

Talvez não, mas eu queria muito descobrir.

Quatro

Apesar da minha imaginação fértil, Callum Stewart era, infelizmente, um perfeito cavalheiro. Enquanto passeávamos pelo Coliseu, ele comentou que seu livro favorito era *Guerra e paz*. Quando respondi que aquele não era o livro favorito de ninguém, ele admitiu que, na verdade, era *Peter Pan*, escrito por um conterrâneo escocês. A mãe costumava ler para ele todas as noites antes de dormir. Foi uma confissão completamente encantadora.

No Fórum Romano, avistei um grupo de turistas sussurrando e apontando para nós. Me juntei a um grupo de pessoas, para despistá-los. Para que Callum não percebesse, perguntei a ele:

— Qual é o seu tipo de música favorito?

— Música clássica.

Ao ouvir isso, parei onde estava, e ele quase esbarrou em mim.

— Você não está considerando a música clássica como algo anos 1990, não é?

— Não, estou falando de Bach e Mozart. A “Sinfonia nº 7”, de Beethoven, é provavelmente a minha favorita.

Se eu precisava de um sinal do universo de que estávamos destinados a nos encontrar, era esse.

— É uma das minhas preferidas também.

— Não te deixa com sono? — ele perguntou, e dei uma cotovelada nele enquanto ele dava risada.

Enquanto observávamos o Monte Palatino, Callum me perguntou qual superpoder eu escolheria se pudesse.

— Invisibilidade.

Sem sombra de dúvidas.

— De todas as possibilidades? Uma escolha estranha — ele disse, em tom de brincadeira.

— Estranho como ajudar uma mulher que você não conhece na escadaria da Piazza di Spagna e levar para o apartamento? — provoqueei, e ele sorriu.

Depois, Callum deu um sorriso vacilante.

— Piadas à parte, sei o que é querer desaparecer.

Meu coração acelerou por ele entender tão perfeitamente como eu me sentia. Então ele passou a explicar por que voar era obviamente um superpoder superior.

Eu já tinha visto todos os lugares que visitamos, mas foi diferente estar lá com Callum. Apesar das provocações de antes, ele insistiu que eu lhe contasse a história da arte e das construções que vimos. Ele ouviu atentamente cada palavra minha e parecia fascinado.

Me senti vista, de uma forma que não sentia havia muito tempo. Para ele, eu não era um título. Não era uma oportunidade para fotografar alguém ou um modo de ser reconhecido. Callum gostava de ouvir o que eu pensava, as coisas que eu sabia, do que eu gostava.

Era exatamente o que sentia por ele.

Entre nós, não havia pausas de constrangimento ou desconforto. Conversávamos sobre tudo.

Ele me contou como cresceu com três irmãos mais velhos e os tipos de peças que pregavam uns nos outros. Parecia encantado pelo fato de eu também pertencer a uma família grande e ter quatro irmãos mais velhos e uma irmã mais nova. Compartilhei todas as histórias que pude, sem revelar que cresci em uma enorme *villa* não muito longe do palácio.

Falamos ainda sobre a época da faculdade. Ele tinha estudado na Universidade de St. Andrews.

— Mas fiz um ano de intercâmbio na Universidade de Wisconsin, em Madison. Tenho um amigão dessa época. O nome dele também é Callum. Callum Sundberg. — Ele olhou para o

celular. — Hoje é um dia em que geralmente falo com ele. Ele tem o hábito de ligar para os amigos no Dia dos Namorados.

— Por que Wisconsin? — perguntei, um pouco surpresa.

— É uma história um pouco longa. Mas e você? Estudou em qual faculdade?

Quando disse que frequentei a Universidade de Imperia, Callum levantou as duas sobrancelhas.

— Isso não é em Monterra?

Eu queria amaldiçoar minha incapacidade de lembrar o papel que deveria interpretar.

— É, sim.

— A mãe de Lucia é de Monterra — disse ele.

Meu coração bateu forte no peito, como se estivesse tentando escapar. Tive que respirar fundo. Será que Lucia tinha me reconhecido? Ela tinha dito alguma coisa para ele?

Ou ela ia dizer?

Será que tudo estava prestes a desabar ao meu redor como um castelo de cartas?

Eu disse a mim mesma que estava sendo ridícula. Meu avô tinha cinco filhos e uma filha, todos com famílias grandes. Havia tantos príncipes e princesas em Monterra que dizíamos, de brincadeira, que constituíamos metade da população.

O fato de a mãe de Lucia ser de Monterra não significava automaticamente que Lucia saberia quem eu era.

— É? — respondi, constatando que precisava imediatamente mudar de assunto. Apontei para a câmera dele. Callum tinha tirado fotos o dia todo. — Quando poderei ver o produto final?

— Tenho que revelar as fotos. Mas, se você estiver mesmo interessada, tem uma galeria não muito longe daqui com algumas que tirei.

— Sério? Que incrível!

Callum encolheu os ombros de uma forma autodepreciativa.

— Conheci o dono da galeria em uma festa, e ele se ofereceu para expor meu trabalho. Acho que estava só sendo gentil.

Achei difícil de acreditar.

Ele olhou para o celular, observando a hora.

— Seria mais rápido ir de táxi — falou. Concordei. Fomos até o ponto de táxi mais próximo, e fiquei surpresa por não me sentir nem um pouco cansada, apesar de passarmos tantas horas turistando. Algo na presença dele me fez sentir rejuvenescida.

O celular vibrou. Ele olhou para a tela, fazendo uma careta.

— O que foi? — perguntei.

— Meu pai me lembrando de que preciso voltar para casa e cumprir meu dever — respondeu ele. Parecia tanto com algo que meu próprio pai diria que quase tropecei no meio-fio.

Callum estava lá, me segurando pelo braço.

— Cuidado! Talvez seja melhor eu pegar outro café para você.

— Estou completamente acordada. É só que... Sei exatamente como você se sente — disse a ele. — Parece que meus parentes só se importam com uma coisa: que eu não manche o nome da família.

— Como você faria isso?

Ele parecia genuinamente confuso.

— É uma história muito longa.

E, para contar, teria que dizer a verdade a ele. Para minha surpresa, era o que eu queria fazer.

Depois de um momento de hesitação, ele pegou minha mão, entrelaçando os dedos nos meus. Meu sistema nervoso se iluminou como uma árvore de Natal, exultante com a situação.

— Eu gostaria de ouvir, se você quiser compartilhar — disse. — Quero saber tudo sobre você.

— Também quero saber tudo sobre você — sussurrei em resposta, encostando-me em seu braço, segurando-o com força. As horas que passamos conversando e passeando voaram e, apesar de ter acabado de conhecê-lo, senti como se o conhecesse desde sempre.

Chegou um táxi, e entramos no banco de trás, ainda de mãos dadas. Perguntei a ele sobre a galeria.

— É um lugar pequeno. Como comentei, conheci o dono em

uma festa há alguns meses e, depois que ele viu meu site, disse que queria expor algumas fotos minhas.

— Seu site? — repeti.

— Aye. Com meu portfólio.

Eu estava revoltada pelo fato de ter deixado meu celular com Anne. Queria pesquisar o nome dele.

— Seu celular foi roubado? Percebi que você não tem um.

— Quando você mexeu nas minhas coisas? — perguntei, provocando, tentando desviar o assunto.

— Estava tentando descobrir quem você era, pra ver se tinha um celular com um contato de emergência. Não queria invadir sua privacidade.

— Eu sei — concordei. — Estava implicando com você.

— Como já te disse, tenho três irmãos mais velhos que já fazem isso — explicou. Eu ri.

— Já que você quer compensar pela invasão da minha privacidade, poderia me emprestar seu celular? Quero falar com uma pessoa.

Ele me entregou o aparelho sem hesitar, e enviei uma mensagem para o número de Anne. Fui forçada a memorizar uma infinidade de números, incluindo o de Luigi, como medida de segurança. Tentei escrever uma mensagem vaga.

Estou usando o telefone de um amigo. Só queria que você soubesse que tudo está indo muito bem. Como você está?

Ela respondeu na hora e pareceu entender meu tom de mistério.

Nada de novo no front. Espero te ver em breve. Manda mensagem ou liga quando precisar de uma carona pra casa.

Devolvi o celular para Callum, que pôs o aparelho no bolso. Depois, logo voltou a segurar minha mão. Como se ele tivesse sentido falta do contato no pouco tempo que levei mandando mensagem.

Chegamos à galeria e, pela primeira vez naquele dia, ele não parecia totalmente confiante e seguro de si.

Então puxei sua mão enquanto entrava na galeria.

— Para onde? — perguntei.

— Para a esquerda — respondeu.

Seguimos por um corredor, e me senti tomada pela vontade de suspirar outra vez.

— Você é um artista — disse a ele. — Olha esse enquadramento! A luz. A maneira como você enquadra as coisas. O uso de espaço negativo nessa parte. Você tem uma atenção incrível para detalhes.

Callum sorriu com timidez. Foi tão fofo!

A foto seguinte era do nascer do sol com a luz e a cidade de Roma fora de foco e um casal de idosos de mãos dadas no terço inferior direito do primeiro plano, separados do fundo, em foco. Eles pareciam estar muito apaixonados.

— Você tem uma perspectiva muito única. Tem tanta emoção nas suas fotos! — aponte, respirando fundo. — É lindo!

— Estava pensando a mesma coisa — disse ele, olhando para mim.

Então ele deu um passo na minha direção, segurando meu rosto.

— Obrigado por suas palavras gentis.

— Só estou dizendo a verdade — respondi, com meu coração batendo forte pensando na boca dele na minha.

— Você não sabe o que isso significa para mim. — Ele ergueu os dedos e passou no meu cabelo, e fiquei dividida entre querer que ele me tocasse mais e não querer que percebesse o quanto meu cabelo estava bagunçado. — Me dizem o tempo todo que estou desperdiçando minha vida.

— Se é isso que você está fazendo, não está desperdiçando nada. Você é um homem com uma sensibilidade enorme.

— Dá para saber pelas minhas fotografias?

Eu concordei.

— Dá.

— Você tem uma sensibilidade enorme? — ele perguntou, traçando o contorno do meu rosto com o dedo.

No momento? Minha sensibilidade estava tão aflorada que

eu não sabia como lidar com isso.

— Eu...

— Callum! — Um homem mais velho interrompeu o que quer que fosse acontecer. Era o dono da galeria, e Callum o apresentou a mim.

— *Signor* Emiliano Greco, esta é Anne Smith.

Tentei não fazer qualquer movimento quando ele disse “Anne”. Em vez disso, estendi a mão.

— Prazer em conhecê-lo.

Signor Greco inclinou-se e beijou minhas bochechas. Foi um gesto tão familiar que fez meu coração apertar.

— *Buonasera*, pequena americana! O trabalho de Callum não é magnífico? Sorte a minha tê-lo descoberto!

Eu concordei.

— Ele é brilhante.

— Este é o seu encontro do Dia dos Namorados? — ele perguntou a Callum, em italiano. — Ela é uma graça.

— Eu concordo — Callum respondeu, e eu pressionei os lábios. — Ela é linda por dentro e por fora.

Foi muito difícil não reagir às palavras dele, mas fiz o possível. Talvez eu pudesse mesmo ter tido uma carreira como atriz.

— Você deveria levá-la para um lugar mais romântico do que minha galeria — o *signor* Greco o repreendeu.

— Eu tenho alguns planos — ele disse.

Planos? Que tipo de planos? Meu coração começou a bater um pouco mais rápido.

— Excelente! — O *signor* Greco voltou a falar inglês, para meu alívio. — Foi um prazer conhecê-la, senhorita Smith. Certifique-se de que ele trate você como uma princesa hoje à noite.

Todas as células do meu corpo congelaram em pânico. Será que ele sabia?

Mas, em vez de revelar quem eu era, ele nos acompanhou até a porta e nos disse para termos uma boa noite.

— O tio da Lucia vai dar um grande jantar em família. Se você quiser ir... — Callum convidou, quando ficamos sozinhos outra vez.

— Eu quero. Não quero que o dia de hoje acabe.

— Nem eu.

Eu teria que contar a verdade a ele. Se quisesse mais do que apenas um dia com ele, teria que ser honesta.

Mas ainda não.

Antes, queria mais lembranças com ele.

Cinco

A família de Lucia morava num apartamento em Trastevere, um bairro repleto de edifícios medievais cobertos de hera e ruas com paralelepípedos. Passamos por vários cafés e cantinas e por praças movimentadas cheias de italianos típicos, que fumavam, bebiam e conversavam alto uns com os outros. Ali, não havia carros e muito menos turistas. O labirinto sinuoso de vielas estava repleto de roupas recém-lavadas e luzes decorativas.

Passamos por uma feira de rua, onde Callum comprou uma garrafa de vinho para levar para o tio de Lucia. Ele pagou com cartão de crédito em vez de usar os euros que passou o dia catando do bolso. Não pude deixar de olhar para os transeuntes ao nosso redor; eu me perguntava se alguém tinha me reconhecido. Mas parecia que todos seguiam tranquilos sem sequer nos notar.

— Como é a família de Lucia? — quis saber. Estava com receio de que a mãe dela estivesse lá. De que me reconhecesse.
— Os pais dela estão juntos há muito tempo?

— Eles se divorciaram quando Lucia era pequena. A mãe dela se mudou para os Estados Unidos há muito tempo. É a família do pai dela que mora em Roma.

O alívio borbulhou dentro de mim. Com sorte, não teria ninguém lá para me desmascarar.

Callum foi até outra barraca e comprou uma rosa-vermelha de um florista.

— Para mim? — perguntei, surpresa, quando me entregou. Achei que fosse outro presente de anfitrião.

— Aye. Como ouvi várias vezes hoje, é Dia dos Namorados.

Certa vez, um homem com quem eu namorava havia seis

meses terminou comigo um dia antes do Dia dos Namorados porque ele não queria que eu “tivesse uma impressão errada” sobre o rumo que as coisas estavam tomando.

E agora, sem hesitar, Callum estava me dando uma rosa para comemorar o dia.

Enfiei meu nariz na flor e sorri.

— Obrigada.

— O prazer é meu.

Passamos por um grupo que esperava para entrar em um bar animado enquanto eu contava a ele sobre os afrescos de Cavallini em uma basílica não muito longe dali.

— Aye, já vi — ele disse, mais uma vez me surpreendendo.
— São impressionantes.

— Como você sabe tanto sobre arte? — perguntei, mas havíamos chegado ao apartamento, e ele bateu na porta.

Quem abriu foi Lucia.

— Callum! Anne! Vocês chegaram. Bem-vindos!

Umás vinte e cinco pessoas da família esperavam atrás dela. Todos cumprimentaram Callum e eu com um beijo, dando-nos as boas-vindas em sua casa. Havia tanto carinho e amor que senti saudades de casa.

Mesmo que eu tivesse decepcionado meus pais no passado, sabia o quanto me amavam. Eu adorava meus pais e toda a minha família barulhenta e animada.

Mas então olhei para Callum, e a saudade de casa desapareceu. Eu estava exatamente onde queria estar.

Coloquei minha rosa na bolsa e a deixei no pequeno hall de entrada antes de entrar na sala de jantar. Nos sentamos a uma mesa grande e, após a oração do avô de Lucia, começamos a comer. A tia dela ficou me oferecendo macarrão, e eu não tinha como recusar. Em busca de ajuda, olhei para Callum, que estava sentado do outro lado da mesa, mas ele ficou rindo baixinho para si mesmo.

— Você precisa comer mais — a tia de Lucia falou em inglês. — Tá magrinha!

Eu estava fazendo o possível para comer tudo o que ela colocava na minha frente, mas suspeitava que em breve botaria tudo para fora se não parasse de me empanturrar.

Ao meu redor, a conversa circulava em italiano, enquanto as pessoas riam e gritavam e a comida era devorada. A tia de Lucia tinha feito comida o suficiente para um batalhão.

Lucia estava sentada ao lado de Callum, e a ouvi dizer em italiano:

— Você já contou a verdade a ela?

— Ainda não.

— Você tem que contar.

Isso me deixou alarmada. O que Callum tinha para me dizer?

Eu não era a única que guardava segredos?

Balancei a cabeça para espantar esse pensamento. Decidi que, provavelmente, tinha ouvido mal. Eu não iria ficar preocupada com algum drama imaginário. Eu queria me divertir.

Ofereci ajuda para limpar a mesa e mais de uma pessoa me disse que eu era convidada, e convidados não ajudam.

O apartamento dava para um pequeno pátio particular, e o avô dela estava lá fora tocando acordeão. Callum acenou com a cabeça naquela direção e depois se levantou para sair.

Eu estava prestes a me juntar a ele quando Lucia apareceu ao meu lado, pondo uma bala de menta na minha mão.

— Só por precaução — disse, dando uma piscadela.

— Você é minha pessoa favorita no mundo — respondi.

— Pelo menos pelos próximos dez segundos.

Pus a bala na boca e mastiguei rapidamente. Então fui para perto de Callum.

— Dança comigo? — ele perguntou.

O avô de Lucia começou a cantar baixinho junto com a música que tocava. Olhei para o apartamento, mas ninguém estava prestando atenção em nós.

Balancei a cabeça em concordância e entrei nos braços de Callum. Ele segurou minha mão em seu peito e pôs a outra em

volta da minha cintura. Fui eu quem diminuiu a distância entre nós e pressionei meu corpo contra o dele, passando a mão em sua nuca.

Senti alívio em tocá-lo, mas também excitação. Meus braços ficaram arrepiados, e me perguntei se ele conseguia sentir meu batimento cardíaco irregular em seu peito.

Era como se ele tivesse sido criado só para mim, para aquele momento.

— Está se divertindo? — ele perguntou.

Neste momento? Mais do que palavras poderiam dizer.

— Eu não sabia que conseguia comer uma tonelada de macarrão. Estou achando que vou explodir. Mas a tia de Lucia me disse que o macarrão que a gente come nos feriados não conta, e no momento não estou aceitando nenhuma outra dica nutricional.

Ele riu, e senti sua mão nas minhas costas enquanto balançávamos lentamente ao som da música.

— Então, você vai desmaiar aqui? Agora que seu estômago provavelmente vai explodir?

— Não. Eu não estou cansada. Pretendo estar totalmente presente.

Callum não pareceu notar minha indireta. Em vez disso, estava cantarolando no meu ouvido. O que estava causando arrepios na minha pele.

— Estamos parecendo *A dama e o vagabundo* — disse a ele.

— Não estamos compartilhando um pedaço de espaguete. Posso entrar e pegar um...

Apertei meu braço em volta dele, e ele riu outra vez. Eu não queria que ele fosse a lugar nenhum.

— Obrigada por me trazer aqui. A noite foi divertida. Gostei da família da Lucia. Eles me lembram muito da minha — disse.

— Da minha também. Você é próxima da sua família?

— Sou. Eles são muito importantes pra mim. E você?

— *Aye*, me deixam louco, mas não sei o que faria sem eles. Principalmente minha mãe.

— Um filhinho da mamãe? — provoquei.

— Com certeza.

— Talvez seja por isso que você trata as mulheres tão bem — pensei, e ele sorriu para mim.

— Ela não tolerava qualquer tipo de desrespeito — concordou. — Com ela ou com qualquer outra pessoa. Ela insistia que meus irmãos e eu sempre fôssemos cordiais e gentis.

— Parece a minha mãe.

Na verdade, eu já a ouvi dizer essas mesmas palavras.

— Talvez devêssemos apresentar as duas.

Senti arrepios de alegria com a ideia de que ele parecia pensar que algum dia nossas mães poderiam se encontrar.

— Talvez.

Continuamos dançando. Callum começou a passar os dedos de leve para cima e para baixo na minha coluna. Com isso, meu cérebro se desconectou do resto do meu corpo.

A parte da minha mente que ainda funcionava se perguntava se eu tinha ouvido direito o que Lucia disse e o que Callum poderia estar escondendo de mim, mas eu não queria perguntar a ele. Sinceramente, o que poderia ser de tão ruim? Ele não me parecia uma daquelas pessoas que amaram o final de *Star wars: a ascensão skywalker*. Eu não estava disposta a mencionar algo que pudesse arruinar a magia que estava sendo criada entre nós.

Callum murmurou para mim em italiano:

— Você é como um sonho que se tornou realidade...

Eu deveria fingir que não conseguia entender e, mais uma vez, tive que lutar contra minha vontade de reagir.

Mas tinha que haver outra maneira de fazê-lo dizer isso para mim.

— Na Fontana di Trevi, o que você desejou?

— Você já sabe o que desejei.

Seus lábios roçaram a borda da minha orelha, e meus joelhos quase dobraram.

— Eu não sei — eu disse, sem fôlego. — Foi por isso que perguntei.

Ele parou de dançar e segurou meu queixo para inclinar meu rosto até o dele.

— Você sabe. Te disse: não quero que o dia de hoje acabe. Parece que inventei você. Que você não pode ser real.

— Conheço essa sensação — falei. Nunca conheci alguém por quem me senti tão instantaneamente atraída, e tudo que descobri sobre ele me fez gostar ainda mais dele. Fiquei pensando que ele diria ou faria algo que seria desagradável, mas até o momento isso não tinha acontecido.

Ele parecia absurdamente perfeito. Com certeza, tinha algum problema, mas eu não sabia o que era.

Callum parou de se mover e emoldurou meu rosto com as mãos. Segurei nele com força, sabendo o que ele ia fazer, mas não tinha certeza se estava pronta para isso. Eu, provavelmente, iria entrar em combustão.

— Anne...

Ele sussurrou o nome em meus lábios.

— Ilaria — corrigi. Se ele fosse me beijar, eu queria que dissesse meu nome verdadeiro. — É assim... que todo mundo me chama.

Ele ergueu as sobrancelhas em surpresa, e me arrependi na hora. Obviamente, aquela explicação não fez sentido, mas ele não parecia muito preocupado. Pensar rápido, de fato, não era o meu forte. Prometi a mim mesma que explicaria tudo a ele mais tarde.

Não naquele momento.

Os cantos da boca dele se ergueram ligeiramente.

— Ilaria... — O sotaque fazia ele rolar as consoantes do meu nome de uma forma tão deliciosa que me deixava louca.

Era isso ou o fato de ele finalmente estar me chamando pelo nome.

— Eu deveria me afastar de você... — ele murmurou enquanto roçava o nariz no meu.

— Por quê?

Aquilo não fazia sentido para mim.

— Porque estou me apaixonando por você, e isso é perigoso.

Não entendi o que ele quis dizer, mas não perguntei. Callum disse que estava se apaixonando por mim...

Ele não estava mentindo. Se eu fosse a princesa Ilaria, nunca teria acreditado nele. Outros homens já haviam me dito esse tipo de coisa, querendo fama por causa da minha notoriedade ou do meu título, ou na esperança de colocar as mãos no meu dinheiro.

Mas Callum não sabia de nada. Ele viu Ilaria, a mulher.

E gostou do que viu.

Seus lábios pairaram sobre os meus, ele parecia fora de alcance, tentador.

— Tudo bem eu te beijar?

Seis

Se eu implorasse para ele fazer isso, seria patético, não é?

Mas não pude evitar. Estava superdesesperada. Meu estômago se contorceu de ansiedade.

— Por favor.

— É melhor não — disse ele, com uma voz inebriante.

— Por quê?

Eu estava me sentindo muito desesperada.

— Porque acho que, se fizer isso, nunca vou parar.

Minha pele se arrepiava de desejo.

— Por mim, tudo bem.

— Tem certeza?

— Se você não me beijar logo, eu vou...

Ele abriu um sorriso e me interrompeu, finalmente pressionando a boca na minha.

Parecia que meu sangue girava de calor nas minhas veias, e me senti pegar fogo, prestes a explodir em um incêndio devastador. Sua boca se movia contra a minha suavemente, pressionando e depois se afastando antes de me beijar outra vez. Prolongando, explorando...

Era eletrizante.

Ele estava me provocando, e as sensações que causava eram tão intensas que me deixavam com calor e calafrios ao mesmo tempo. Como se meus lábios estivessem diretamente conectados ao meu sistema nervoso, sobrecarregando-o.

Deixei escapar um gemido baixo de prazer em seus lábios, e ele apertou os braços em volta de mim, intensificando o beijo, causando um tornado de paixão descontrolada que ameaçava me dominar. Eu estava flutuando em uma névoa de calor

vertiginoso, focada completamente na sensação das nossas bocas juntas, das mãos dele me tocando e me atraindo para si.

Callum tinha gosto de menta. Abri um sorrisinho ao perceber que Lucia também devia ter dado uma bala para ele.

O beijo era tão perfeito quanto ele. Callum me beijou como se tivesse esperado a vida inteira para fazer isso, como o artista que ele era, com uma precisão harmônica que me deixou sem fôlego.

Lá na galeria do *signor* Greco, os beijos de Callum também poderiam ser emoldurados.

Subi meus dedos até a cabeça dele, prendendo-o contra mim, então passei os dedos de leve em seus cabelos. Como recompensa, ouvi um som vindo do fundo de sua garganta. Assim, eu soube o quanto ele tinha gostado.

Havia tanto dele que eu queria explorar, ver sua reação ao meu toque, ao meu beijo... Eu queria saber se era tão bom para ele quanto para mim.

Eu não sabia que um beijo poderia ser ao mesmo tempo terno, doce, ardente e explosivo. Ele era extraordinariamente lento e minucioso. Como se estivesse guardando tudo na memória para nunca esquecer meu beijo.

Com ele, me senti como uma princesa adormecida e enfeitiçada, como se seu beijo estivesse me acordando.

Eu queria mais. Queria mais dele.

Percebi que ele estava se contendo, que evitava que o beijo ficasse indecente para o ambiente, mas por mim as coisas seguiriam nessa direção. Eu queria que ele se soltasse.

Mas então ele me soltou de uma maneira que eu não esperava. Callum, de repente, parou de me beijar, e fiquei desolada, protestando por ele ter parado.

Então, aos poucos, percebi as pessoas aplaudindo. Aparentemente, a família de Lucia tinha gostado do show.

Minhas bochechas queimaram. Eu tinha me esquecido completamente de onde estávamos. Isso nunca tinha acontecido comigo.

Callum era mais inebriante do que qualquer coisa que já eu tinha experimentado. Estendi a mão para tocar meus lábios com as pontas dos dedos, ainda sem conseguir acreditar no que tinha acabado de acontecer entre nós. Seu olhar seguiu meu movimento, e meu pulso acelerou quando vi em sua expressão que ele ainda não havia terminado de me beijar.

Meu coração estava acelerado, batendo forte e rápido.

Apesar de Callum fazer tudo certo, aquilo estava errado. Eu não poderia beijá-lo assim.

Não só porque tínhamos uma plateia torcendo e gritando em aprovação, mas porque percebi que nada poderia acontecer entre nós até que eu contasse a verdade sobre quem eu era.

Porque eu queria mais do que apenas aquela noite.

Queria vê-lo outra vez. E não deixaria nada sério acontecer entre nós sustentando uma mentira. Não seria justo com a gente. Elaborei um plano rápido de como contaria a verdade a ele; precisava fazer isso de uma maneira sutil para que não parecesse um choque tão grande.

— Vamos embora? — perguntou.

— Vamos. Tem uma coisa que quero te mostrar.

— Estou interessado em tudo que você quiser me mostrar — Callum disse com um sorriso malicioso que me fez rir.

E percebi que essa era a intenção dele. Para me ajudar a relaxar e aliviar a interação explosiva que tinha acontecido entre nós. Era como se ele estivesse conectando meu cérebro de volta para que minhas pernas funcionassem. Ele me ajudou a voltar ao apartamento para nos despedirmos das pessoas, e peguei minha bolsa.

A tia de Lucia me deu um potinho com sobras, insistindo para que eu levasse. Agradei a ela por nos receber e, na saída, beijei as bochechas de toda a árvore genealógica de Lucia.

A família fazia brincadeiras com Callum, dando tapinhas nas costas dele, e ele sorria enquanto agradecia aos nossos anfitriões. Demoramos mais para sair do que gostaríamos, mas finalmente estávamos do lado de fora, indo embora de mãos dadas.

— O que você quer me mostrar? — perguntou.

— Você vai ver.

Meu plano provavelmente não era incrível, mas, em minha defesa, tive a ideia enquanto meu cérebro ainda estava confuso por causa dos beijos dele. Eu ia levá-lo para o meu hotel. Achei que, se pudesse mostrar a ele onde estava hospedada, seria mais fácil acreditar na minha explicação sobre ser princesa.

Não era porque algo em mim me dizia que devia convencê-lo a subir comigo depois de contar a verdade a ele.

É, talvez fosse parte do plano.

Callum me fez querer que fosse mais que só uma parte do plano, porque ele não tirava as mãos de mim. Perdemos a comida nos primeiros dois minutos depois que deixamos a família de Lucia, porque Callum ficava entrando nos becos para me beijar do nada, me atçando com uma necessidade desenfreada por ele.

— Acho que devo me desculpar — ele disse. — Normalmente me controlo mais. Mas tem algo em você. Você é irresistível. Você sente isso também?

— Sinto.

Eu já sentia uma conexão incrível com ele.

Eu deveria estar amedrontada. Eu tinha desistido de namorar. Não queria atrapalhar a vida dele quando inevitavelmente saíssemos nos jornais.

Mas, quando ele me imprensou contra uma parede, com a boca quente no meu pescoço, decidi que Callum poderia fazer essa escolha sozinho.

— É melhor a gente ir — eu disse a ele, sem forças, mal conseguindo ficar de pé. Se Callum continuasse me beijando daquele jeito, eu perderia toda a minha coragem de ser sincera com ele. Estávamos a apenas alguns quarteirões do hotel.

— Se você insiste...

Ele disse as palavras soprando em minha pele, e tive que me segurar para não revirar os olhos.

— Sim. Eu insisto.

Mas ele não precisava fazer grandes esforços para me fazer mudar de ideia. Eu me sentia um pouco como se tivesse sido encantada, completamente sob o feitiço dele.

Callum deu um passo para trás e me ofereceu a mão. Fiquei grata porque levei alguns minutos para recuperar o controle dos meus membros e regular minha respiração.

— Do que você mais gosta no seu trabalho? — ele perguntou enquanto caminhávamos juntos pela calçada vazia.

— Queremos encontrar uma cura para todos os tipos de câncer, e os cientistas que financiamos estão fazendo um trabalho excelente. Também gosto de visitar pessoas doentes no hospital. Principalmente as crianças.

Ele deixou escapar uma risada.

— O que foi? — perguntei, cutucando-o com o cotovelo.

— O universo é muito injusto. Como você pode ser tão linda, inteligente, culta e gentil?

— Como você pode ser tão romântico, inteligente, lindo, divertido e talentoso? — rebati com outra pergunta, e Callum parou de andar, virando-se para mim.

Mas não consegui descobrir o que ele ia dizer ou fazer a seguir porque fomos interrompidos. A primeira coisa que notei foi alguém gritando. E depois várias vozes.

Virei a cabeça para olhar, e as luzes das câmeras começaram a piscar, e tive que cobrir os olhos para me proteger do brilho intenso.

Meu batimento cardíaco acelerou, e eu mal conseguia respirar.

Ah, não! Isso não podia estar acontecendo...

Os paparazzi, não! Agora não!

Eles estavam nos cercando como lobos.

— Como me acharam? — Soltei um gemido quando ele disse: — Não acredito que me acharam!

Nós nos entreolhamos enquanto os paparazzi avançavam em nossa direção, disputando uma posição para conseguir a melhor foto.

— Os caras estão atrás de *você*? — perguntamos um ao outro, exatamente ao mesmo tempo.

Ele pegou a minha mão, e começamos a correr.

Sete

Entramos em uma pequena igreja, e Callum discretamente fechou a porta. Ficamos parados atrás da porta, ouvindo os paparazzi passarem correndo.

Depois de algum tempo de completo silêncio, ele disse:

— Acho que nós dois temos algo a explicar. Quem é você?

Deixei escapar um suspiro.

— Não era assim que eu queria te contar. Sou a princesa Ilaria de Monterra. O rei Dominic é meu primo.

Ele ficou perplexo.

— Sei que você pensou que eu fosse uma estudante americana. Troquei de lugar com minha assessora de relações públicas e estou com a carteira dela. Eu só queria ter um fim de semana para mim, queria aproveitar Roma sem ser perseguida pela imprensa. Me desculpa por não ter contado a verdade antes. Eu ia literalmente te contar agora. Queria te levar ao meu hotel porque pensei que, se você visse onde eu estou hospedada, seria mais fácil de acreditar. Mas acho que a horda de paparazzi já fez isso por mim.

Achei que Callum fosse rir, mas ele deu um passo para trás e ficou calado. Tinha algo muito errado. Meu coração batia muito forte, e eu senti um gosto ruim na boca.

— Quem é você? — perguntei, tentando me estabilizar. Talvez eu estivesse imaginando coisas. — Por que você achou que estavam perseguindo você?

Outra longa pausa antes de ele finalmente responder:

— Sou sua alteza real, príncipe Callum de Doune.

Foi como se alguém tivesse detonado uma bomba. Meus ouvidos zumbiam, meu corpo estava rígido, em choque total.

— Doune? — repeti. Eu estava quebrando a cabeça para lembrar onde ficava aquele lugar.

— É uma ilha perto da costa da Escócia. É uma pequena nação formada depois que os Stewart se rebelaram contra o rei. Muitos foram presos e executados, mas meu antepassado escapou e instaurou o próprio reino. Estava tão longe que o rei Robert III nem se importou.

Callum disse isso de uma maneira mecânica, como se tivesse tido que explicar de onde veio várias e várias vezes.

Eu conhecia esse sentimento.

— Não sei o que dizer — respondi. Eu não tinha entendido mal o que Lucia disse. Callum estava mesmo escondendo um segredo de mim. Eu nem tinha considerado a possibilidade de ele ser da realeza também.

— Pode parar com o sotaque americano — ele falou. Então, depois de um instante, perguntou: — Você fala italiano?

— Falo.

Ele pareceu perceber que isso significava que eu havia entendido todas as conversas “particulares” que ele teve durante o dia. Ele balançou a cabeça e deu mais um passo para trás. Estava se distanciando de mim.

Passamos o dia inteiro mentindo um para o outro. Mas agora estávamos sendo sinceros e podíamos ser nós mesmos. Para mim, era uma coisa boa.

Mas não para Callum.

— Não entendo por que você está tão chateado — eu disse, esfregando as mãos. Parecia que tínhamos feito a mesma coisa. Eu sabia por que Callum manteve segredo. Ele deveria me compreender.

Ele soltou uma risada breve e amarga.

— Não? Eu pensei que você fosse só uma mulher americana.

— E eu pensei que você fosse só um fotógrafo escocês.

— Foi por isso que me mudei para Roma. — Agora ele parecia frustrado. — Para escapar das expectativas da realeza nas minhas costas. Quero viver minha vida nos meus próprios

termos, não de acordo com regras ditadas por séculos de tradição.

— Entendo — disse a ele. — É por isso que a Anne está no meu apartamento em Monterra agora, para que os outros pensem que estou em casa, enquanto aproveito meus dias de folga.

— Mas eu não estou de folga — ele rebateu. — Essa agora é a minha vida.

— O que isso quer dizer? — perguntei, com meu coração batendo lento e forte dentro de mim, minha garganta se contraindo. Eu já sabia o que ele estava dizendo.

Estava acabado.

Alguém que foge das responsabilidades reais não ia querer namorar uma princesa.

— Não estou à procura de um relacionamento — disse ele, e parecia uma tentativa de evitar o verdadeiro motivo.

Agora quem se sentia amarga era eu.

— Então acho que não sou a realização do seu sonho.

O rosto dele estava estampado de vergonha e arrependimento.

— Acho que foi melhor saber agora — eu disse. — Em vez de me apaixonar de verdade por você e ter meu coração partido.

Ele fechou os olhos por um instante e disse:

— Você não entende. Não é que...

— Não estou interessada em uma explicação dada apenas para fazer você se sentir melhor.

Callum cruzou os braços. Seu sotaque pareceu mais carregado.

— Não, não estou explicando direito e...

— Não gosto dos paparazzi e do que fizeram com minha vida — interrompi. Eu estava falando sério quando disse que não queria ouvir os esclarecimentos dele. — Mas estou ciente das minhas obrigações, dos meus deveres. E gosto de ajudar as pessoas. Quando visito crianças doentes em hospitais, vejo como seus rostos se iluminam quando conhecem uma princesa de

verdade. Não quero tirar isso delas. Amo minha família e minha nação. Levei alguns anos, mas agora gosto de mim mesma. Tenho orgulho de ser quem eu sou.

Outro passo para trás.

— Estamos em fases diferentes na vida. Talvez se tivéssemos nos encontrado em outro momento...

Ele foi perdendo a voz, e entendi que aquilo era uma rejeição.

Recorrendo a toda a coragem e força dos meus ancestrais da realeza, levantei a cabeça e os ombros.

— Obrigada por hoje. Eu nunca vou esquecer.

Coloquei a mão na porta, e ele disse:

— Ilaria, espera. Eu te acompanho até o hotel.

— Não, obrigada.

— É meu dever te levar em segurança para casa.

Ele parecia tão rígido, tão formal, tão diferente do homem que eu achava que conhecia...

— Eu sei que você não está interessado em cumprir seus deveres reais, então, por favor, não se preocupe — eu disse, saindo da igreja.

Apesar de eu ter recusado a companhia dele, Callum me seguiu de volta ao hotel, mantendo distância. O que tive que admitir, contra minha vontade, que era provavelmente uma coisa boa, já que Luigi me disse várias vezes como a cidade poderia ser perigosa à noite.

Tive receio de encontrarmos os fotógrafos outra vez, mas isso não aconteceu. Tantas preocupações passaram pela minha mente... Como os paparazzi nos encontraram? Meus pais sabiam o que eu tinha feito? O Luigi sabia? Eles contataram alguém pedindo ajuda e foi assim que a imprensa descobriu?

Quando cheguei à entrada do hotel, fui cumprimentada pelo nome por vários membros da equipe e fiquei feliz por me reconhecerem outra vez. Estava cansada de tentar esconder quem eu realmente era.

Peguei o elevador até minha suíte e me sentei no sofá, sem

saber o que fazer. Tirei a bolsa do ombro. Então, me lembrei da rosa que Callum me deu e abri a bolsa para pegá-la.

A flor estava completamente esmagada. O que parecia simbólico.

Após um momento de hesitação, peguei o telefone do quarto e liguei para Anne.

— Alô...? — ela murmurou. Pude perceber que tinha acabado de acordar.

— Preciso voltar para casa. Por favor, conte a Luigi o que fizemos e peça para ele vir me buscar.

— Entendi. — Ela parecia mais acordada agora. — Está tudo bem?

— Não. Por favor, rápido.

— Já vou. Ele estará aí em algumas horas.

— Obrigada.

Coloquei o fone de volta no gancho e olhei para minha rosa. Tudo parecia estar acabando, e eu odiava isso.

Oito

No caminho para casa, Luigi me passou um sermão, lembrando que eu não só havia me colocado em perigo, mas também arriscado o emprego dele, o emprego de Anne e a reputação da família real.

Concordei com tudo, pedindo desculpas, o que pareceu deixá-lo mais tranquilo. Os paparazzi esperavam na fronteira e, apesar dos esforços do meu guarda-costas, conseguiram várias fotos minhas saindo do país.

Tentei não pensar nas manchetes do dia seguinte. Odiava o fato de decepcionar minha família.

Quando chegamos a Monterra, fiquei muito aliviada porque os paparazzi não eram permitidos no meu país. Uma coisa a menos com que me preocupar.

Minha mãe estava acordada, me esperando. Eu tinha decidido não chorar, mas meu rosto se contraiu quando a vi de braços estendidos para mim.

— Desculpe — eu disse a ela. — Eu não queria envergonhar a família.

— Oh, *piccola mia*, vem cá!

Fazia muito tempo que ela não me chamava de “minha pequena” e chorei no ombro dela.

Fomos até o sofá da sala de recepção e nos sentamos juntas. Ela ouviu em silêncio, acariciando meu cabelo, enquanto eu contava toda a história.

Quando terminei, perguntou:

— Quer que eu ligue para seu primo? Tenho certeza de que ele pode chamar uma tropa de choque e mandar fuzilar esse tal de Callum.

Isso me fez sorrir.

— Não vamos incomodar o rei. É melhor não causarmos conflitos agora.

— Verdade, verdade... — ela disse, sorrindo para mim.

— E não quero machucá-lo. Tivemos um dia perfeito juntos. Talvez pudesse ter sido mais, mas agora eu nunca vou saber. É tão ridículo chorar por um homem que eu nem conhecia há vinte e quatro horas...

— Eu soube que seu pai era a pessoa certa para mim na primeira hora do nosso primeiro encontro, então não vou dizer que você é uma boba. Eu entendo.

Eu sabia que ela queria me confortar, mas me deixou pior. Senti como se eu tivesse perdido algo de fato especial. Não importava que fosse algo novo. Minha mãe falou alguma coisa sobre os peixes e o mar, mas eu não estava com vontade de ouvir. Ela mandou buscarem sorvete e vinho, e comemos e bebemos até que ambas adormecemos no sofá. Quando acordei na manhã seguinte, peguei o celular da minha mãe na mesinha de centro e me preparei.

Eu não queria causar mais escândalo para a família.

Mas não havia... nada. Nenhuma foto, nenhuma história sobre mim e Callum.

Era quase como se nada tivesse acontecido. Eu não sabia o que pensar disso.

Dei um beijo no rosto da minha mãe e encontrei o secretário esperando na sala da frente. Disse a ele que minha mãe ainda estava dormindo. Voltei para meu apartamento, onde Anne estava me esperando.

— O que está acontecendo? — ela perguntou. Parte de mim estava exausta e só queria ir para a cama e fingir que meu romance em terras italianas não tinha acontecido, mas me senti bem em contar os detalhes sórdidos. Talvez, se eu falasse bastante sobre isso, doeria um pouco menos.

Mas minha teoria estava errada. Contar a história a Anne não me fez parar de sentir falta dele.

Depois que contei o que havia acontecido, ela pegou o celular.

— Como não teve nenhuma matéria sobre isso? Uma foto sua e do príncipe Callum juntos no Dia dos Namorados teria valido muito dinheiro!

— Eu sei. — O público iria adorar essa história. Embora fosse um costume habitual — no passado, príncipes e princesas se casavam —, hoje em dia a maioria da realeza europeia parecia ficar com plebeus por quem se apaixonaram.

— Vou ter que ligar para a minha chefe e contar tudo a ela — disse Anne, com um tom de desculpa, e eu concordei. A esposa do meu primo saberia da situação e não havia ninguém mais bem preparado para lidar com esse tipo de coisa.

— Se ela ficar chateada, me avisa. Eu falo com ela. — Eu não queria que Anne tivesse problemas por fazer o que eu pedi. — Vou tomar um banho. — Já fazia muito tempo que eu não fazia isso e esperava que ajudasse a melhorar meu ânimo.

Mas não foi o que aconteceu. Continuei vendo o rosto de Callum, ouvindo as coisas românticas que ele me disse. Por isso nos demos tão bem e tínhamos tantos interesses similares. Fomos basicamente criados da mesma maneira e tivemos exatamente a mesma formação.

Saí do chuveiro e limpei o vapor do espelho, analisando meu reflexo triste.

Bem, eu queria uma aventura romântica.

Certamente consegui o que queria.

Com minha mãe, Anne, Lemon e a preparação para o baile da Fundação Fiorelli, fiquei ocupada nos dias seguintes. Nada foi publicado, nenhuma foto apareceu. Estávamos todos intrigados. Eu não sabia por quanto tempo Callum e eu fomos seguidos. Poderia haver todo o tipo de fotos comprometedoras das quais eu não tinha conhecimento porque estava superenfeiteçada por ele.

Tentei me impedir de evocar o rosto dele na minha mente, porque, sempre que eu fazia isso, sentia dor e arrependimento e uma sensação de que havia perdido algo sem igual.

Mas não importava o quanto eu tentasse controlar meu pensamento, continuei pensando nele.

Na noite do baile, tentei fingir que estava com dor de cabeça para não comparecer. Não estava com vontade de dançar, sorrir e fingir que estava tudo bem.

— Você tem que ir — Anne me disse. — Seu vestido está aqui, e a cabeleireira e a maquiadora também, e o homem que será homenageado hoje à noite é um doador importante para a fundação. Você precisa pelo menos fazer uma aparição.

Ela ficou muito mais mandona desde que voltei. Eu me perguntei se isso era culpa de Lemon, se ela disse à minha assessora para me conter melhor.

— Sim, senhora — eu disse e fiz uma reverência para ela, que apenas revirou os olhos.

Mesmo que eu quisesse faltar ao evento, eu adorava me arrumar e colocar uma tiara. Sempre parecia mágico.

Viajei com meus pais para o baile. Eles gostavam desses eventos reais e de conversar com meu tio e minha tia, os ex-monarcas governantes de Monterra. Planejei aparecer e depois subir escondida para passar um tempo com a montoeira de filhos dos meus primos.

O filho mais velho do rei Dominic me derrotou no *Mario Kart* na última vez que nos vimos, e eu estava devendo uma revanche a ele.

Fomos formalmente anunciados à porta e logo rodeados por uma pequena multidão de pessoas que queriam nos cumprimentar. Apertei mãos e sorri até minhas bochechas doerem. Contornei o salão de baile em direção às escadas dos fundos que levavam aos quartos dos meus primos. Saí escondida, mas senti que estava sendo observada.

Quando cheguei à porta, olhei ao redor para ver se estava sendo seguida. Luigi provavelmente agora estava seguindo seus deveres à risca e seria minha sombra constante.

Meu coração parou quando vi quem estava olhando para mim.

Não era Luigi. Era Callum.

Nove

Ele estava de smoking preto com gravata-borboleta, uma camisa branca impecável e uma faixa vermelha e preta sobre o ombro esquerdo. O xadrez de seu *kilt* era composto por quadrados vermelhos e pretos. Ele estava lindo. Fiquei tão chocada por ele estar em Monterra que, por três segundos, pensei que tudo era fruto da minha imaginação.

Callum caminhou pelo salão de baile, e eu estava dividida entre o desejo de fugir e a vontade conflitante de ficar onde estava para poder absorver como podia todo o seu esplendor.

Até que ele ficou parado na minha frente.

— Ilaria, posso falar com você em particular?

Eu não conseguia falar. Balancei a cabeça e o levei para uma sala não muito longe do salão de baile. Caminhei até o centro do cômodo e esperei enquanto ele fechava as portas e se aproximava de mim.

— Você só pode ser uma miragem — Callum disse. — Linda demais para ser real.

Pus as mãos na barriga para me controlar.

— O que você está fazendo aqui?

— Eu precisava ver você.

— Por quê? O que mais temos a dizer um ao outro?

— Muito. Primeiro, devo pedir desculpas a você pela minha reação e pelas coisas que disse naquela igreja.

— Você estava sendo sincero sobre o que queria, e agradeço por isso.

Algum dia isso me ajudaria a superar o tempo que passei com ele.

— Essa é a questão. Eu não estava sendo sincero. Só egoísta.

E me arrependo disso.

Eu não tinha o hábito de ficar perdida, insegura de mim mesma ou do que a situação exigia. Durante toda a minha vida, segui o protocolo real, para sempre saber a coisa certa a dizer e fazer.

Mas aquilo?

— Obrigada. — Geralmente funcionava na maioria dos casos. — Agora, se você me der licença...

Ele estendeu as mãos e colocou-as em meus ombros nus, e minha pele pegou fogo, como se ele tivesse me tocado com um maçarico.

— Ilaria, por favor. Fica. Eu te imploro.

Fiquei tocada pelo pedido e, embora algo em mim ainda me dissesse para sair furiosa, concordei e me sentei no sofá mais próximo.

Callum se sentou ao meu lado. Não perto o suficiente para me tocar, porém mais perto do que ele estaria se fôssemos apenas conhecidos.

— Quando voltei para o meu apartamento, liguei para os meus pais e contei tudo o que tinha acontecido. A assessora de imprensa do meu pai comprou todas as fotos para que não fossem divulgadas.

Ah! Por isso não tinha nenhuma foto circulando.

— Por quê?

— Pesquisei seu nome na internet e vi como os tabloides são obcecados por você. Sei o quanto você é dedicada ao seu trabalho e à sua família, o quanto eles são importantes para você, e não queria que minhas ações causassem vergonha para você. Ou para eles.

— Obrigada.

Eu estava sendo tão educada, tão tranquila... Minha mãe ficaria orgulhosa de mim.

— Foi minha culpa os paparazzi terem nos encontrado. Usei meu cartão de crédito na feira, o que sei que não devo fazer. Não sei se alguém ligou para eles ou se eles têm algum tipo de

rastreador no meu cartão, mas foi culpa minha. — Ele respirou fundo e continuou: — Também sei que fui imprudente com seus sentimentos, com seu coração, e sinto muito. A última coisa que eu queria fazer era machucar você.

Abri a boca para falar, mas ele me interrompeu.

— Por favor, não diga “obrigada” outra vez. Não consigo aguentar. Não de você.

Ele estava brincando, mas eu estava tão perto de chorar que optei por ficar em silêncio.

— Minha mãe me detonou e me chamou de pacóvio tanso.

— De quê?

Callum sorriu e disse:

— Ela estava questionando minha inteligência. E acrescentou várias palavras não muito legais em gaélico que não vou repetir.

Não consegui conter o riso.

— Já gostei da sua mãe.

— E ela adoraria você — falou. — Já é sua maior defensora. Ela me lembrou que a mudança faz parte da vida e que é importante aceitar os presentes maravilhosos que nos são oferecidos. Ela me disse que eu estava sendo limitado e ridículo e não deveria me afastar de alguém de quem gostava tanto só por causa do título de realeza. Que, através de você, eu estava tentando rejeitar minha coroa mais uma vez.

Fazia sentido.

— E?

— E ela estava com razão. Geralmente tem, mas não posso admitir, porque minha mãe ficaria ainda pior.

Eu sorri outra vez.

— Você veio aqui só para me dizer isso?

Ele pegou minha mão, e o deixei segurá-la. Percebi como Callum relaxou quando eu não o rejeitei, e ele levou minha mão aos lábios e a beijou suavemente.

— Achei que era melhor e mais fácil ir embora, mas me enganei. O que já sabemos que acontece de vez em quando.

Callum estava brincando, mas eu estava prendendo a respiração, esperando que ele terminasse.

— Foi muito mais difícil de longe. A conexão que temos é especial, e eu deveria ter ficado. Não consegui parar de pensar em você e percebi que era o maior idiota do mundo. Vim aqui porque precisava te ver de novo.

— Você está me vendo de novo agora.

Ele sorriu.

— Eu quis dizer além de hoje. Achei que queria uma vida típica. Mas percebi que o que quero é uma vida cheia de beleza, música e amor. Não sei o que meu futuro reserva, mas sei que gostaria de ter você ao meu lado enquanto descubro isso. Se você puder me perdoar, claro. E se você estiver interessada.

Claro que poderia perdoá-lo. Eu entendia muito bem a pressão de fazer parte da realeza. Sabia por que ele havia dito o que disse. Por que queria se afastar dos deveres reais.

De mim.

Eu também sabia que ele era provavelmente o único homem no mundo com quem eu poderia namorar e cuja vida eu não arruinaria apenas sendo eu mesma. Que já estava bem preparado para lidar com qualquer publicidade negativa ou com armadilhas de paparazzi. Que não teria importância para ele se fizessem outra manchete sobre mim.

Callum entenderia.

Bati nos lábios com um dedo.

— Vou ter que pensar sobre isso... Sim!

Ele riu, um som glorioso, e não pude deixar de sorrir.

— Acho que funcionaria melhor se você me fizesse esperar de verdade — brincou.

— Estou esperando há muito tempo para conhecer alguém como você. Não quero esperar mais para o resto da minha vida começar — confessei.

— Nem eu. Mas não foi em Roma que nos encontramos pela primeira vez.

— Não foi? — perguntei, surpresa.

— Não. Nos conhecemos há quinze anos. Quando a princesa herdeira da Suécia se casou. Eu tinha onze anos; você, dez.

Eu não sabia do que ele estava falando, e então de repente lembrei. Arfei de indignação.

— Você colocou o sapo no meu colo durante a cerimônia e sujou meu vestido!

— Aye, fui eu!

Fechei meu punho e dei um soquinho em seu ombro.

— Então no Dia dos Namorados não foi a primeira vez que você me fez chorar.

Callum se aproximou, encostando a testa na minha. Nossas respirações se misturavam.

— Eu nunca quis ser o motivo das suas lágrimas.

— Não seja um bobalhão e vai ficar tudo bem.

Ele sorriu e disse:

— Podemos não conseguir nos ver tanto quanto gostaríamos. E sei que em algum momento terei que voltar para casa e ser um filho obediente. Mas, até lá, espero que tenhamos muitas outras noites de massas, tarantela e Roma.

— Parece perfeito.

Callum roçou os lábios nos meus, mais uma vez como se estivesse com medo de que eu o rejeitasse, mas coloquei minha mão em sua nuca e puxei sua boca contra a minha, para que pudéssemos nos beijar de fato.

Quando já estávamos sem fôlego, com os corações acelerados, ele levantou a cabeça e perguntou:

— Já te disse como você está linda?

— Disse. E você também está muito bonito. Estou começando a gostar de *kilts*. Suas pernas são maravilhosas.

— Ah, *aye*? — perguntou com um brilho malicioso nos olhos.

— Aye — disse a ele. — Como você soube do baile? Que eu estaria aqui?

— Sua assessora, a Anne. Você mandou uma mensagem para ela do meu celular e, assim que percebi o meu terrível erro,

liguei para ela, que virou minha parceira de conspiração.

Eu tinha que pedir a Lemon para dar um aumento a Anne.

— Ainda não consigo acreditar que você veio até Monterra por mim.

Callum pressionou os lábios nos meus com delicadeza.

— Eu sempre irei atrás de você. Você é a minha princesa. É o meu dever acordar você com um beijo todas as manhãs. Preciso ter certeza de que você tenha um final de conto de fadas.

Era isso o que eu estava esperando. Um homem disposto a lutar por mim, a ficar ao meu lado, a aceitar tudo de mim.

— Promete? — perguntei, mais uma vez, segurando as lágrimas.

— Prometo. Você tem meu voto real e solene — ele garantiu, selando as palavras com outro beijo.

Nota da autora

Obrigada por ler minha história! Se esta é a primeira vez que você lê uma de minhas histórias, aviso que amo escrever livros fofos, engraçados e românticos, e tenho vários sobre a extensa família real de Ilaria na série Royals of Monterra. Por favor, leia esses também! Se você quiser receber novidades quando eu escrever algo novo, inscreva-se na minha newsletter em www.sariahwilson.com. Não te enviarei spam. (Quando consigo enviar uma newsletter uma vez por mês, já fico muito satisfeita!)

E, se você quiser, gostaria muito de que deixasse um comentário no Goodreads ou em qualquer outro lugar onde possa compartilhar sua opinião sobre esta história. As resenhas são a força vital de um livro. Obrigada!

Agradecimentos

Sempre começo agradecendo aos meus leitores. Sei que muitos de vocês têm pedido por mais membros da realza de Monterra, então espero que gostem desta história! Obrigada por todo o seu apoio e por suas palavras gentis. Isso significa bastante para mim.

Um obrigada enorme, gigantesco, a Alison Dasho e a Maria Gomez. Estou muito honrada por ter sido incluída neste grupo de autores de romance. Muito obrigada por me convidar e obrigada por todo o seu trabalho árduo, sugestões e edições para que pudéssemos tornar esta história a melhor possível. Estou muito grata por poder trabalhar com vocês, Montlake e AOS. Obrigada a toda a equipe (Anh Schluep, Kjersti Egerdahl, Cheryl Weisman, Angela Elson, Stef Sloma, Kris Beecroft) por tudo o que faz por mim e pelos meus livros.

Obrigada a Sarah Younger por também tornar isso possível. Sou muito grata a você de várias maneiras e por ter você na minha equipe.

Obrigada aos editores e aos revisores que encontraram todos os meus desvios e erros de continuidade e, com delicadeza, me guiaram na direção certa. Mais uma vez, meus agradecimentos a Caroline Teagle Johnson pela incrível capa deste livro.

Para meus filhos: estou muito animada com o que nosso futuro trará e com os caminhos que estamos trilhando agora. Amo vocês.

E Kevin, obrigada por ser meu príncipe.

SARIAH WILSON é a autora best-seller do *USA Today* de *The Chemistry of Love*, *The Paid Bridesmaid*, *The Seat Filler*, *Roommaid* e *Just a Boyfriend*, da série *Royals of Monterra* e dos romances *#Lovestruck*. Está loucamente apaixonada por sua alma gêmea e acredita com fervor em finais felizes. E é por isso que escreve romances. Atualmente, mora com sua família e vários animais de estimação em Utah e nutre uma devoção de longa data por sorvete. Para obter mais informações, visite o site www.sariahwilson.com.

Copyright © 2024 by Sariah Wilson
Todos os direitos reservados.
Publicado mediante acordo com Amazon Original Stories.

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Royal Valentine

CAPA Caroline Teagle Johnson

IMAGEM DE CAPA © AVS-Images / Shutterstock, © DStarky / Getty

PREPARAÇÃO BR75 / Aline Canejo

REVISÃO BR75 / Clarisse Cintra

VERSÃO DIGITAL BR75 / Raquel Soares

ISBN 978-85-8439-4074

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

editoraparela.com.br

atendimentoao leitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela